

AS IMAGENS PROCESSIONAIS SOB O OLHAR DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX

MARIA REGINA EMERY QUITES*

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado,¹ em andamento, e tem como enfoque principal o estudo das imagens processionais de vestir, fazendo um recorte sobre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil. Analisaremos, aqui, as esculturas processionais sob o olhar dos viajantes estrangeiros do século XIX, cotejando com a documentação primária e secundária das respectivas ordens terceiras e com a vasta bibliografia de viagem existente.

Consideramos relevante uma revisão dessa literatura, abordando principalmente alguns relatos específicos sobre as esculturas processionais no Brasil. Enfocaremos especificamente os viajantes: Auguste de Saint-Hilaire, Jean Baptiste Debret, Robert Walsh e Thomas Ewbank.²

Saint-Hilaire descreve a Procissão de Cinzas, em São João del-Rei, Minas Gerais, e fica claro, logo no início do relato, que o cortejo não se realizava todos os anos, no início do século XIX. Conforme o naturalista, a cada andor que passava os assistentes faziam uma genuflexão; depois, conversava-se despreocupadamente com o vizinho. “Já não viam a procissão de cinzas há alguns anos, e ficaram encantados com essa cerimônia irreverente, em que ridículas momices se associavam ao que a religião católica tem de mais respeitável”.³

A Procissão de Cinzas era composta de uma primeira parte,



FIGURA 1 - Anjo voltando da procissão. Detalhe. Debret
DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tomo II, Vol. III. SP: Martins Ed., Ed.USP, 1972. Prancha 25, p. 206

* Professora do Departamento de Artes Plásticas/ Centro de Conservação Restauração de Bens Culturais Móveis/Escola de Belas Artes - UFMG. Especialista em Conservação/Restauração de Esculturas Policromadas, Mestre em Artes Visuais pela UFMG e Doutora em História pela UNICAMP.

1. Sob orientação do Prof. Dr. Luciano Migliaccio- IFCH/UNICAMP.

2. O pintor Jean Baptiste Debret veio com missão artística francesa em 1816, permanecendo até 1831. Ele faz um minucioso relato da Procissão de Cinzas, no Rio de Janeiro. O inglês Robert Walsh veio para o Brasil em 1829 como capelão na comitiva de Lord Strangford e também relata a procissão dos franciscanos. Auguste de Saint-Hilaire desembarcou no Brasil na comitiva do embaixador no Brasil, Duque de Luxemburgo, para fazer pesquisas científicas e enviar coleções ao Museu de História Natural de Paris. Em obra de nove volumes, o naturalista fez um relato detalhado de suas jornadas pelo país, de 1816 a 1822. Ele descreve a Procissão de Cinzas em São João del-Rei. O americano Thomas Ewbank veio de janeiro a agosto de 1846, não assistiu à Procissão de Cinzas devido a um temporal, mas assistiu às procissões do septenário das Dores no Rio de Janeiro.
3. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. p. 97-100.
4. CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: Cultura Artística e Procissão de Cinzas. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, v. 1, p. 196-197, 2001.
5. DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Vol II São Paulo: Círculo do Livro, 1995. p. 372-374
6. (...) “determina a extinção das figuras de pano, de Adão e Eva, Arvore do Paraizo, Desprezo do Mundo e Figura da Morte e Anjo Querubim”, visto que no Rio de Janeiro e em outras partes já não se praticava mais. Deliberações – Consistório da Igreja Matriz de N. S. da Conceição, Igreja e consistório de São Francisco de Assis, volume 155, anos 1757-1768, folhas [144v - 145].
7. ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Rio de Janeiro: Gráfica da Imprensa Nacional, 1948. p. 194
8. Inventário da Venerável Ordem Terceira - 1834. Arquivo V. O. T. S. F. de São Francisco da Penitência-Rio de Janeiro.
9. ALVES, op. cit. p. 214.
10. A Ordem vem “(...) rogar a V. Exa., se digne de expedir a providencia para a guarda, como hé costume (...)”. Presidência da Província, PP1 35, Caixa 01, Doc. 05-(1833/02/18) Arquivo Público Mineiro.

padroeira, Nossa Senhora da Conceição, cenas da vida de São Francisco, e os santos terceiros franciscanos.

Debret relata a Procissão de Cinzas no Rio de Janeiro, considerando que as imagens de tamanho natural mais o andor eram bastante pesados para os carregadores membros das irmandades. “A marcha é interrompida para muitas paradas, porque o peso enorme de alguns andores impede os irmãos de carregá-los durante mais de trezentos a quatrocentos passos sem descansar os ombros (...)”.⁵

Principalmente no século XIX, podemos perceber através dos documentos das ordens que a Procissão de Cinzas já não acontecia com a devida frequência e fervor religioso. Em Ouro Preto, em 1758,⁶ foram suprimidas as imagens alegóricas da procissão. Na Bahia, em 1767,⁷ retiraram-se várias figuras que no entender da Mesa mais se prestavam à função de triunfo que de cinza. Assim, os irmãos noviços eram aliviados do preparo dessas “*figuras de custo*”. No Rio de Janeiro, em 1812,⁸ os irmãos eram recompensados pelo grande trabalho que tinham ao carregarem os andores. Na Bahia, em 1840 e 1841,⁹ havia falta de fervor por parte dos irmãos para transladarem os andores. Em Ouro Preto, em 1833,¹⁰ a Ordem requer da Presidência da Província guarda para acompanhar o cortejo, e em 1870¹¹ novamente é pedida a supressão das figuras, considerando-as um grande desrespeito para a procissão. Em São Paulo, em 1887,¹² também era impossível celebrar-se a procissão com a necessária “decência”, devido à indiferença dos membros da Ordem.

Debret tem a preocupação de observar a técnica das imagens: “(...) compõe-se de doze grupos de figuras colossais; em verdade, somente as cabeças, os pés e as mãos são de madeira esculpida e colorida, o resto do corpo não passando de um manequim leve, vestido de veludo ou seda”.¹³ Saint-Hilaire relata que, sobre os andores: “(...) estavam figuras de madeira, de tamanho natural, pintadas e trajadas de panos (...) essa série de figuras era de uma bizzarria extrema; havia, entretanto, pior gosto no conjunto do que nas minúcias. As roupas convinhavam às personagens que as vestiam; as tintas eram frescas, e não pude deixar de achar as imagens muito bem esculpidas,

pensando, sobretudo, que elas o foram, no próprio lugar, por homens desprovidos de bons modelos”.¹⁴

No Rio de Janeiro, Walsh também relata a Procissão de Cinzas dos franciscanos:

*“Sobre vários andores estavam dispostas várias imagens, em tamanho natural, representando as diversas ações piedosas dos santos homens. Era como se cada andor fosse, de fato, um palco, no qual figuras, vestidas a caráter e em várias atitudes, representavam cenas reais. Alguns desses palcos tinham tantas figuras e eram tão pesados que precisavam de dez a doze homens, todos trajando mantos negros, para carregá-los”.*¹⁵

Ewbank,¹⁶ ao entrar numa igreja no Rio de Janeiro, chega ao ponto de questionar a concepção das imagens naturalistas e sugerir mudanças radicais:

“É uma plataforma que vem sobre os ombros de seis homens, e em cima da qual há um homem curvado sobre um só joelho. Vestido com um manto arroxeadado, seu rosto pálido contrasta com os longos cabelos pretos. Traz uma enorme cruz, e personifica Cristo a caminho do Calvário. Chegou à rua, e se detém a cinco pés de distância de onde me encontro. Para minha surpresa, verifico então que é uma imagem, o que até aquele momento eu não suspeitara, tal a naturalidade que apresentava. (...) A estátua passou por mim, e pude ver quão natural parecia a sola do pé direito e a parte da perna que saía das barras do manto. (...) Tivesse eu contato com os dirigentes eclesiásticos, sugeriria a substituição de legiões de senhoras e cavalheiros de madeira por santos moldados em gesso. Estes, por sua brancura de neve e por estarem livres de nódoas e manchas, haveriam de harmonizar-se e até sugerir idéias de pureza moral. (...) Para manter tais personagens em condições de elevarem o pensamento dos devotos, são necessários os serviços permanentes de uma multidão de artistas com as correspondentes

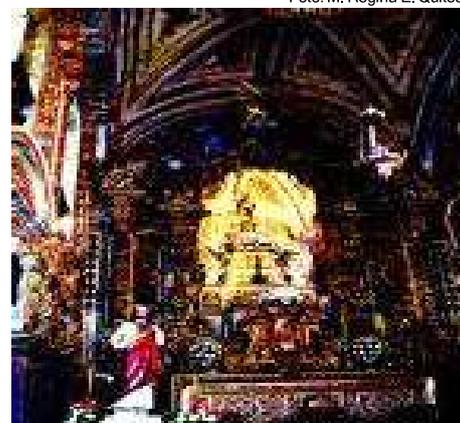


FIGURA 2 - Anjos da Semana Santa Santa Luzia, MG. 1997

11. A Ordem Terceira de Ouro Preto envia correspondência ao bispo de Mariana, se referindo à Procissão de Cinzas. “Hoje, Exmo. Srs. irmãos professos no mesmo dia da procissão recusam levar as insígnias da ordem, pelo que essas figuras que simbolizam personagens da criação, e atos que as sagradas escrituras nos comemoram, e que devem inspirar a todo bom católico respeito, são servidos por idiotas, mudos e quejandos, que só pelo interesse se prestam a desempenhar verdadeiras caricaturas, de sorte que a procissão que nos comemora a época da penitência, da paixão e morte de nosso Redentor, torna-se verdadeiro carnaval, porque os meninos e mesmo gente que se tem em conta de civilizado cercam a essas figuras dirigindo-lhes apupadas sendo preciso rodear-lhes de força armada que é impotente para manter o respeito, só servindo de obstar as pedradas e ofensas físicas. - Nestas circunstancias deverão as Mesas Administrativas ficar silenciosas e concorrer para o desrespeito de nossa religião?”. TRINDADE Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ IPHAN, 1951, p. 468.
12. ORTMANN, Frei Adalberto. *História da antiga capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis em São Paulo*. Rio de

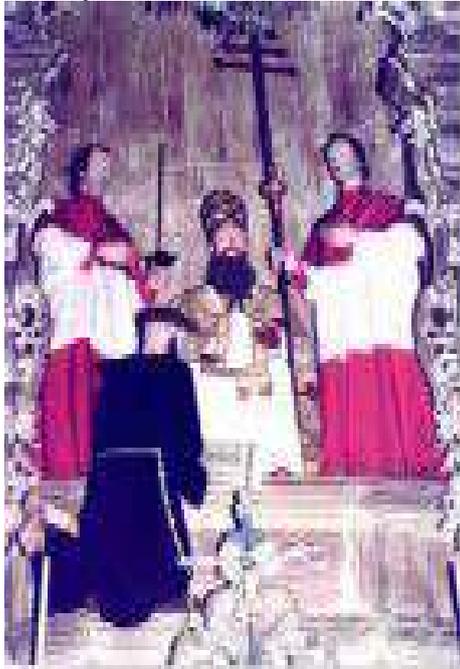


FIGURA 3 - Conjunto da Cúria
São João del-Rei

despesas, porém quando faltam tais requisitos, não têm as imagens uma camada nova de pintura ou verniz para melhorar-lhes a cor das faces, ou duas quando muito, numa geração. Os santos de gesso, no entanto, poderão renovar sua apresentação sem despesas. Estariam sempre “à vontade”, e vestidos a caráter, e nunca deixariam de ser apresentados aos amigos visitantes por não estarem convenientemente vestidos ou preparados. Nas igrejas mais pobres, bastaria, uma ou duas vezes por ano, mergulhar as estátuas num banho de cal.”

Ewbank repudia o uso da cor e destaca a necessidade de manutenção das esculturas, fugindo-lhe por completo a finalidade da imagem de vestir, que é a de ser renovada todo ano com novas vestes e novas carnações, conforme a riqueza da irmandade, e da participação dos devotos no preparo das esculturas e seus andores, misturando-se às pessoas reais. Na crítica de Ewbank há muita compreensão, por negativo, do efeito buscado por essa categoria de escultura e de seu valor devocional.

Todos os viajantes descrevem os anjos de procissão. Para Hilaire “eram tão prodigalizados nas suas vestimentas, que apenas podiam caminhar, perdidos no meio do ridículo”.¹⁷ Para Walsh os anjos eram “trajadas da maneira mais fantástica possível”.¹⁸ Debret nos deixou uma aquarela, *Anjo voltando da procissão* (FIG.1), e descreve que as famílias ficavam orgulhosas de fornecer anjos para as procissões da quaresma.¹⁹ Pela permanência de anjos nas nossas procissões da Semana Santa (FIG. 2) e coroações do mês de maio em Minas Gerais, podemos dizer que os pais continuam a se esmerar na confecção de vestes e asas a cada ano.

Saint-Hilaire descreve em especial: “São Francisco, recebendo do papa a aprovação dos estatutos da sua ordem (FIG. 3); noutro andor havia um grupo representando o milagre dos estigmas; por fim, via-se ainda São Francisco abraçado por Jesus Cristo”.²⁰ Essas descrições estão perfeitamente compatíveis com o programa iconográfico franciscano, confirmado pela documentação registrada nos arquivos da Ordem em São João del-Rei e nas imagens escultóricas presentes hoje nos retábulos.

Debret cometeu vários enganos em relação à Procissão de

15. WALSH, Robert. *Notícias do Brasil* (1828-1829). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1985. p.176
16. EWBank, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973 p. 197-198.
17. SAINT-HILAIRE, op. cit. p. 97
18. WALSH, op. cit. p.176
19. DEBRET, p. 372-374
20. SAINT-HILAIRE, p. 97
21. Debret errou o nome da procissão no Rio de Janeiro, chamando-a de Procissão de Santo Antônio, porque saía do Convento de Santo Antônio, porém o dia era a quarta feira de cinzas. Como também trocou Santo Antônio por São Francisco, desconhecendo cenas importantes da vida do *Poverello*. ORTMANN, p. 114-115.

Cinzas no Rio de Janeiro,²¹ porém o relato do Conjunto da Cúria nos interessa em especial:

*“O terceiro grupo representa um concílio presidido por um papa sentado sob um pequeno dossel de encosto e diante de uma mesinha redonda coberta com um tapete de veludo vermelho sobre o qual se encontra um papel com uma inscrição; quatro cardeais sentam-se igualmente em torno da mesa, e um religioso franciscano de joelhos”.*²²

Encontramos hoje no acervo da Ordem no Rio de Janeiro essas imagens, e realmente a descrição dos cardeais sentados está correta (FIG. 4). Importante ressaltar que os cardeais sempre aparecem de pé, sendo esta uma exceção.

Os viajantes estrangeiros que aqui estiveram no século XIX deram-nos imagens da nossa cultura religiosa e artística que já foram largamente debatidas por historiadores,²³ mas que nos colocam sempre frente a novas questões, que necessitam reflexão mais aprofundada. Eles variaram muito em seus propósitos e interpretações, mas na indignação perante os rituais religiosos sempre concordavam. Aí as condenações eram quase unânimes.²⁴

É recorrente o adjetivo “ridículo” para descrever todas as representações que compõem o cortejo processional. As procissões são chamadas grotescas, bárbaras e exageradas. As imagens são bizarras, sem gosto e ridículas também. Há uma necessidade de enfatizar o desconhecido, o diferente, de relatar o fantástico. Quando se referem às figuras da primeira parte da Procissão de Cinzas, podemos ver confirmado nos documentos da Ordem que eram realmente consideradas “caricaturas” e devemos levar em conta também que o estruendo precedia a procissão, e que essas figuras humanas alegorizadas mais se assemelhavam a fantasias. Quanto aos andores, realmente eram bastante pesados para alguns irmãos menos devotos, mas, para aqueles que eram fiéis, isto não era considerado um sacrifício, e sim uma demonstração de sua devoção.

A imagem de vestir difundiu-se no mundo ibérico e ibero-americano, conhecendo imensa popularidade até fins do século XIX.²⁵ As imagens de caráter naturalista, sem dúvida, eram bastante



FIGURA 4 - Conjunto da Cúria
Rio de Janeiro

22. DEBRET, p. 372-374

23. Sobre os viajantes ler: LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de viagem, 1803-1900*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 162; SCHWARCZ, Lília Moritz. *Viajantes em meio ao Império de Festas*. István Jancsó-Íris Kantor (org). FESTA Cultura & sociabilidade na América Portuguesa. Volume II. São Paulo: Hucitec, 2001, 2001. p. 603,605, 606, 619; LISBOA, Karen Macknow. “Viajar, relatar”. In: *A nova Atlântica de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1997 p 34, 47, 49, 608, 631 LIMA, Valéria Alves Esteves. *A Viagem Pitoresca de Debret: por uma nova leitura*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Robert Wayne Slenes. 2003.

Foto: M. Regina E. Quites



FIGURA 5 - São Roque
Procissão em Mariana - 2004

bizarras para uma mentalidade protestante e neoclássica que valoriza o branco, o claro, o límpido, enquanto que as imagens de raízes ibéricas, mostram a estética do barroco, o exagero do colorido e o gosto pelo realismo.

“Não é possível compreender as características da arte brasileira do século XIX sem ter em mente que o Brasil era parte do universo colonial lusitano. A produção artística de maior importância estava, em grande medida, vinculada à Igreja: as ordens religiosas encomendavam, sobretudo esculturas em madeira policromada, destinadas a altares, e pinturas decorativas para os interiores de igrejas, sacristias e conventos.”²⁶

Migliaccio considera que ‘Desde o século XIX, estudiosos já sabem que gregos e romanos utilizavam cores em suas estátuas, mas até hoje, para o grande público, o branco está associado ao clássico e ao bom gosto na escultura’.²⁷

Para Campos a importação dos modelos culturais, a difusão na Colônia do texto bíblico e sua vulgarização através de figuras processionais, as trocas culturais promovidas entre grupos socialmente antagônicos, são temas que permanecem abertos à pesquisa.

“Foi exatamente esta popularização, que mereceu a incompreensão e ressalva de Debret, que a considerou uma procissão de “prestígio” entre o povo, mas ao mesmo tempo “ridícula”. Aos olhos neoclacissizantes do artista acadêmico o ridículo poderia ser pompa inerente ao barroco, já em estado residual, e mesmo a variedade e popularidade da composição do cortejo. Por sua vez, a percepção do mencionado ridículo denuncia a angulação laica de Debret, afeito à mentalidade moderna. E, assim, nos começos do oitocentos ele colocava: Os devotos consideram essa festa o primeiro dia da quaresma, e os incrédulos a continuação do carnaval.”²⁸

Podemos então relacionar o declínio da Procissão de Cinzas com os avanços do racionalismo positivista do oitocentos, sendo

25. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. *A imagem religiosa no Brasil*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/Associação Brasil 500 Anos-Artes Visuais, 2000 (Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca), p.41.

26. MIGLIACCIO, Luciano. *O século XIX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/ Associação Brasil 500 Anos-Artes Visuais, 2000.(Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca).

27. KOSTMAN, Ariel. As Cores do Branco. Revista *Veja*. São Paulo: Abril, 1º de dezembro de 2004. p.63

28. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: Cultura Material e Liturgia. Revista *Barroco*, n. 17, p. 212.

extinta primeiramente no litoral e, por último, em Minas Gerais, pois há diferenças regionais e ritmos diferenciados entre as ordens no Brasil.

O historiador busca no relato do viajante uma fonte, mas deve desconfiar dela todo o tempo, aceitar seus limites, aprendendo a reconhecer o preconceito. O viajante não é imparcial, ele traz uma carga de informações de seu país de origem, como também conhecimentos prévios assimilados por ele, sobre o lugar a ser visitado. Muitos textos refeitos para publicações são incorporados de anotações feitas *in loco* e de recordações ou até mesmo a não-experimentação da situação descrita. A memória é um fato complicador, principalmente em se tratando de relatos escritos tempos depois. O que foi escrito em um relato está incorporado do que foi visto, de suas anotações e também do que se leu a respeito. A complexidade é maior quando se lida com as diferenças culturais. Documental é também a mentalidade do momento, precisamos trazer a obra para seu contexto histórico e para sua identidade de origem. A estilística também tem que ser levada em consideração “afinal a dimensão estética é parte do relato e tem que estar marcada pela beleza”.²⁹

Nos relatos das Visitas Diocesanas³⁰ da Diocese de Mariana no século XIX, encontramos referência a vários tipos de imagens, às vezes até mesmo definindo sua técnica. Na capela de São Gonçalo Garcia de São João del-Rei, uma Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, que possui somente imagens de vestir, no relato que se segue, ela “acha-se acabada com boas imagens e ornamentos”.³¹ Acreditamos que não havia nenhuma diferenciação relacionada à técnica das imagens, e sim que deveriam ser “boas imagens”. As representações da Paixão, geralmente, são imagens de vestir, e encontramos citações como esta: “o altar em capela separada em que está uma boa imagem do Senhor dos Passos com muita decência”.³² Parece-nos que, dentro da concepção da imagem devocional barroca, o importante era que fossem “decentes e perfeitas” para o culto divino.

Devemos questionar, finalmente, qual era o “olhar dos devotos”, para as imagens processionais no século XIX. Apesar da extinção da Procissão de Cinzas no final do século XIX no litoral, sua permanência em Minas Gerais foi até meados do século XX. Isto significa que o



FIGURA 6 - São Roque
Ouro Preto - 2005

29. FREITAS, Marcos Vinicius. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Dom Pedro II*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2002. p. 78-79

30. TRINDADE, Jose da Santíssima, *Dom Frei, Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825): estudo introdutório* Ronald Polito de Oliveira, Estabelecimento de texto e índices José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima, Ronald Polito de Oliveira, Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, Fundação João Pinheiro; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.

31. TRINDADE, op.cit. p. 237.

32. TRINDADE, op. cit. p. 203.

valor devocional das imagens processionais não morreu nos oitocentos e permanece, ainda que residual, nos dias de hoje, principalmente nas procissões da Semana Santa. Como remanescente da Procissão de Cinzas, encontramos ainda viva a Procissão de São Roque - terceiro franciscano que fazia parte do cortejo -, por nós presenciada em Mariana, em agosto de 2004 (FIG. 5). O devoto continua doando as vestes para sua imagem, o andor continua sendo adornado com muitas flores e os fiéis relatam os milagres alcançados na cura de suas doenças e carregam o andor com devoção e respeito pelas ruas da cidade. Em Ouro Preto, a Procissão de São Roque possui a peculiaridade local da substituição pelos fiéis do “pão” de madeira policromada que fica na boca do cão por um pão natural, que é sempre trocado pelos devotos e levado para casa em sinal de devoção e cura (FIG.6).

Podemos concluir que a imaginária processional de vestir é a essência da imagem devocional na cultura religiosa brasileira, se considerarmos que possui características que a tornam mais afeitas à aproximação do devoto. O fiel pode trocar sua roupa e acessórios, doar uma nova veste ou uma cabeleira, passar um perfume, usar suas roupas e acessórios como relíquias sagradas, pedindo ou agradecendo um milagre alcançado.

Se estão esquecidas, abandonadas ou negligenciadas, é importante resgatar seu valor como parte integrante da arte escultórica brasileira. E sua grande aceitação no Brasil através dos séculos é fundamental para entender o seu grande valor, como imagem devocional e, conseqüentemente, como importante documento histórico e social de nossa cultura.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luciano Migliaccio - IFCH/UNICAMP, ao Prof. Dr. Marcos Vinicius Freitas - FAFICH/UFMG, à Profa. Adalgisa Arantes Campos - FAFICH/UFMG, ao bolsista BIC/FAPEMIG Luciano Moreira e à FAPEMIG pelo financiamento de parte da pesquisa.